CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO: NOTÍCIAS DE UM PATRIMÔNIO QUASE DESCONHECIDO DAS MINAS GERAIS

MOEMA NASCIMENTO QUEIROZ*

Introdução

O texto aborda aspectos formais e estilísticos de um patrimônio pouco conhecido (parte integrante de pesquisa[1] desenvolvida entre 2001/2003), tendo como foco principal a Capela de São Sebastião, em São Sebastião das Águas Claras (Macacos) - distrito de Nova Lima, MG -, em seu período de revitalização, que envolveu três aspectos: restauração; pesquisa acadêmica voltada à investigação do edifício e de seus bens integrados e a compreensão das influências do entorno no processo de degradação; a importância do edifício no contexto da comunidade para tentar despertar no grupo local consciência crítica e responsável para com a preservação do patrimônio e a percepção da relação deste com a própria identidade cultural.

Para tanto, foi primordial, entre as diversas abordagens na pesquisa, o estudo dos aspectos formais e estilísticos da edificação e de seus bens integrados, tema aqui tratado como forma de reconhecer e revalorizar o patrimônio material em questão, compreendendo sua trajetória e importância na formação das Minas Gerais e o contexto histórico em que se formou o local e a edificação, para que pudéssemos lançar uma nova postura sobre o mesmo e sua vinculação aos valores que sua comunidade lhe outorga.

* *Especialista em Conservação e Restauração CECOR/EBA/UFMG, Mestre em Artes Visuais/ Conservação Preventiva.*

Breve histórico da região

Na região entre os Rios das Velhas e Paraopeba, existe uma ampla área de solo aurífero e grande número de córregos e riachos, situação ideal para a atividade extrativista do ouro. Nessa rica zona entre Rio das Pedras, Rio Acima, Santa Rita, Barra dos Ribeirões dos Macacos e Nova Lima, vários arraiais se formaram, sendo o de São Sebastião dos Macacos o mais importante deles, tendo suas origens na primeira metade do século XVIII.[2]

Sua origem se baseia na formação de uma fluente rota de

1. QUEIROZ, Moema Nascimento. *Rompendo os tapumes: uma proposta de interação vivenciada através da restauração na comunidade de São Sebastião das Águas Claras/MG.* Dissertação (Mestrado em Artes Visuais com área de concentração em Tecnologia de Materiais e Conservação Preventiva). Departamento de Artes Plásticas, Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2003.
2. VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica.* Belo Horizonte: Cultura, 1998, p.102.

uso, como paragem obrigatória para os usuários da Estrada Geral. Considerado o mais importante arraial da região, seu desenvolvimento ocorre impulsionado pela extração do ouro e pelo comércio que chegava pela estrada por onde circulavam as mercadorias trazidas pelas tropas para abastecimento dos mineradores. A região possuía condições ideais para atividade extrativista de ouro, devido aos córregos das Taquaras, Fundo, Tamanduá e Marumbé, que convergiam suas águas para o Ribeirão dos Macacos, atraindo e concentrando no local grande número de mineradores com suas necessidades de sobrevivência, consumo e abastecimento. As tropas que forneciam as mercadorias, por sua vez, necessitavam de um local para descanso e trato de seus animais. E o local lhes dava essa condição de pouso,[3] gerando um pequeno foco urbano, princípio de comunidade, tão comum nas Minas Gerais do século XVIII. Esses "pousos" acabavam provocando o surgimento, em seu entorno, de grupos que erguiam suas construções simples para moradia, criando uma cultura de subsistência através da agricultura, criação de animais e contatos de negócios com tropeiros e mineradores, trazendo ao local certa prosperidade e estabelecendo pequenos comércios, criando um dinamismo local provocando o nascimento de um povoado.

São Sebastião das Águas Claras se formou nesse contexto e já em 1740 constava como arraial no censo populacional da Vila de Sabará.[4] As primeiras datas minerais foram concedidas entre 1765 a 1798,[5] até meados do século XIX, tendo em 1837 uma população de 255 pessoas aproximadamente, segundo o Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima.

Porém, como em toda região mineradora, a atividade extrativista do ouro foi-se tornando mais difícil pela escassez e dificuldades em se obter o metal, o que provocou o declínio e estagnação econômica do local, fato comum em outros povoados mineiros. Um longo tempo de esquecimento e ostracismo contribuiu, de certo modo, para a proteção da região e do arraial, que, pela estagnação, mantiveram suas características construtivas quase totalmente inalteradas, preservando sua conformação urbana original. Porém, nas últimas décadas do século XX, com a sua "redescoberta", esse perfil começou a mudar radicalmente devido à intensa e desordenada atividade turística, atraída principalmente

3. ALÍPIO José. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil.* Estabe-lecimentos Gráficos Borsoi Ltda, 1961, p. 129.(apud VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998, p.105).
4. LIMA JR, Augusto de. *As primeiras Vilas do Ouro*. Belo Horizonte: edição do autor, 1962, p. 94 (apud Dossiê *Processo de Tombamento: Capela de São Sebastião-Distrito de São Sebastião das Águas Claras*, Nova Lima: 2001).
5. LIMA JR. Augusto. *Um Município de Ouro: memória histórica.* In: Revista do Arquivo Público Mineiro. Bello Horizonte. Imprensa Oficial, Anno VI, 1901, p 322. (apud Dossiê *Processo de Tombamento: Capela de São Sebastião-Distrito de São Sebastião das Águas Claras*, Nova Lima: 2001).

por seus importantes e atrativos recursos naturais e pela proximidade com Belo Horizonte. Apesar de essa expansão ter sido inicialmente benéfica às comunidades, por abrir novas possibilidades de crescimento econômico através do comércio, da criação de novas frentes de trabalho e prestação de serviços, este mesmo "desenvolvimento", que se deu de forma absolutamente desordenada, caótica e excludente, trouxe grandes problemas de diversas ordens ao local.

O distrito hoje vive sob uma complexa rede de interesses, gerando tensões entre os vários grupos sociais que formam a comunidade de Macacos: a comunidade nativa do arraial, os sitiantes flutuantes, os comerciantes dos estabelecimentos turísticos (bares, pousadas, restaurantes), além dos especuladores imobiliários, turistas e empresas mineradoras e exploradoras da região. Grande parte dessa tensão é gerada pela falta de uma política mais objetiva e efetiva da Prefeitura de Nova Lima quanto aos problemas que atingem o distrito e de uma maior consciência da comunidade local quanto ao seu papel nesse processo. A comunidade hoje se encontra sufocada por diversos segmentos de uma sociedade descompromissada com o espaço que usufrui.

Reforçando esse ambiente caótico, o município não dispõe de verba suficiente para viabilizar ações que protejam seu patrimônio ou projetos de educação visando fortalecer a comunidade local para lidar com a nova realidade sem perder sua identidade cultural.[6] Somando-se a essas carências, segue-se uma falta de planejamento urbano que promove uma progressiva descaracterização da região e do arraial, algumas já irreversíveis. Outro fator a ser levado em consideração é a especulação imobiliária que vem comercializando novos loteamentos e condomínios que incham o local, causando sérios problemas relacionados à distribuição de água. Já na década de 80, o Iepha-MG, em relatório realizado com a finalidade de analisar o pedido de tombamento municipal da Capela de São Sebastião, referiu-se à questão da rápida descaracterização local.[7] A mesma preocupação foi registrada no Dossiê do Processo de Tombamento realizado em 2001. Como é possível perceber, o processo de descaracterização já vem se arrastando há tempos,

Foto: Moema N. Queiroz

FIGURA 1 - Altar-Mor da Capela de São Sebastião Macacos/MG

6. Projeto Kairós, fundado em 2002 promove ações integradas na comunidade de Macacos, com ações ligadas à formação edu-cacional e profissional, desen-volvimento planejado, geração de renda, planos de gestão patrimonial, incentivos a ações contínuas na região disponibilizadas à comuni-dade, e projetos culturais como resgate cultural e revalorização do morador da cidade.
7. Relatório de vistoria (1986) - Iepha/MG. Belo Horizonte: Arquivos do Iepha-MG.

sem que haja uma ação efetiva para reverter esse quadro.

Hoje, para conhecer o passado urbano do arraial, é necessário recorrer àqueles que preservaram antigos registros fotográficos da época ou aos que guardam ainda na memória as imagens, contos e "causos" desse passado perdido. O distrito perdeu suas edificações originais, restando apenas raros exemplares, presentes nas casas espalhadas pela cidade e por seu principal marco histórico – a Capela de São Sebastião –, que se tornou, com o seu amplo adro, o respiradouro de uma cidade sufocada, símbolo de uma resistência surda ao caos imposto por uma sociedade aparentemente ignorante do que seja preservação, patrimônio e identidade cultural.

A Capela de São Sebastião e seus bens móveis e integrados: aspectos formal e estilístico

A Capela de São Sebastião se localiza no coração do distrito, no centro vital da cidade. Seu amplo adro é um convite à pausa e observação de um entorno de exuberante vegetação e montanhas que realçam a edificação de pequenas proporções. O traçado da capela e técnica construtiva seguem os padrões tradicionais predominantes no início do período da mineração em Minas Gerais. Embora alterada ao longo dos séculos, mantém a integridade de suas características originais.

É composta por nave central, capela-mor e sacristia, tendo ao fundo um anexo, posterior à capela. A construção é em estrutura autônoma de madeira, com vedação em adobe, com baldrames, madres, frechais, esteios e aspas armados e madeira convencional.

A nave e a capela-mor, de alturas diferenciadas, formam o corpo principal da capela, correspondendo a dois volumes quadrangulares e cobertos, cada um, por telhas de duas águas. Um terceiro volume se une ao corpo retangular principal, destinado à sacristia. De menores proporções e com cobertura de meia-água, tem posição recuada e lateral ao corpo principal. Esse terceiro corpo foi reconstruído em intervenção anterior, uma das tantas sofridas pela capela. Sua localização é coerente com as mais comuns às sacristias, porém diferenciada pelas proporções e sistema construtivo.

Seguindo o padrão das antigas construções religiosas mineiras, a capela é composta, logo após sua portada, por um

coro à entrada da nave com acesso por escada lateral, seguido por um púlpito em projeção com acesso por degraus, apoiados próximos à parede. Dividindo os ambientes, um arco-cruzeiro, passagem para a capela-mor que abriga o altar-mor, ao fundo, principal ponto de foco para quem penetra o interior da capela.

Externamente, a capela ainda guarda o caráter simples e despojado em sua composição. Mantém em sua fachada frontal um traçado que nos remete a um triângulo invertido: uma portada central de grandes dimensões, ladeada por duas janelas rasgadas e com guarda-corpo à altura do coro. São arrematadas por sobre-vergas retas e perfiladas. Ao alto, um pequeno vão em arco pleno, vedado por veneziana, talvez uma antiga janela sineira. As fachadas laterais seguem o mesmo padrão despojado: lisas, perfuradas em cada lado, no alto por três óculos retangulares, tendo na fachada, à esquerda, uma abertura que abriga dois sinos.[9] A fachada posterior da edificação mantém a mesma simplicidade comum a toda a edificação.

O frontispício, segundo relatórios anteriores à primeira intervenção, era coroado por um telhado saliente, em "cachorra aferente"[10] (meio cimalha, meio cachorrada), cobrindo uma fileira de telhas posicionadas de frente, dando um toque ondulado à fachada.[11] Algumas modificações realizadas na capela-mor e na sacristia alteraram o sistema construtivo original, modificando a forma e o fechamento dos vãos, removendo os elementos de sustentação dos beirais, provocando uma desarmonia entre o volume da nave e o corpo posterior do edifício.

O interior da capela segue o mesmo padrão estético do exterior. Suas paredes são lisas e claras, com piso em madeira e forro de material simples, sem qualquer tipo de ornamentação. O púlpito possui tambor liso, enquanto o arco cruzeiro possui base e entablamento perfilados. As mãos francesas do tirante ao centro da nave são recurvadas e consideradas posteriores à construção da capela.

Seu acervo de maior importância é constituído pelo altar-mor, dedicado a São Sebastião onde estão entronizadas cinco imagens, a saber: São Sebastião, Santo Antônio, São Brás, São Gonçalo e Sant'Ana Mestra (FIG. 1).

O retábulo, em madeira dourada e policromada, se insere no estilo denominado "nacional português",[12] predominante na 1ª fase

9. O sino maior traz um crucifixo e duas estrelas fundidas, com a inscrição "Ouro Preto-1875".
10. Conjunto de peças sustentadoras de uma beirada, sacada ou outra parte de uma edificação.
11. Relatório de restauração da Capela de São Sebastião. Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda. Belo Horizonte, 1988. p 05. Documento gentilmente cedido pelo prof. Ivo Porto de Menezes.
12. Denominado por Robert Smith, esse tipo de retábulo surgiu em Portugal no séc XVII, prevalecendo em Minas até cerca de 1730, tendo como principais características a presença de colunas torsas ou salomônicas, arcos ou arquivoltas concêntricas, revestimento inteira-mente em talha dourada e com ocorrência de policromia em azul e vermelho, predomínio de ornatos fitomorfos e zoomorfos, trono em forma de cântaro e escudos ao centro do coroamento ou remate. (SMITH, Robert. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962, p. 69 a 89).

FIGURA 2 - Altar em estilo Pedro II (de Portugal), MAS/UFBA
FONTE: MAS/UFBA, 1987, p. 34

dos retábulos coloniais em Minas Gerais e que obedecia a modelos mais tradicionais do barroco. Segundo o historiador de arte Prof. Marco Elizio de Paiva,[13] o altar da Capela de São Sebastião contém elementos que o remetem a uma das variações desse estilo, catalogada por Bazin como estilo Pedro II (de Portugal), datável de 1690 a 1730, ou estilo barroco, "românico com moldura de arquivolta". Para Bazin, o estilo Pedro II (FIG. 2) tem como uma de suas maiores contribuições o equilíbrio entre a arquitetura e o *décor*, devido a uma forte estrutura *"renovada com a portada românica e também ao tratamento monumental dispensado à plástica escultural ..."*.[14]

A base do retábulo da Capela de São Sebastião é composta por consolos misulados e painéis cobertos por talha com motivos fitomorfos. O entablamento é multifacetado, bastante recortado em ângulos chanfrados, projetando as duas colunas que ladeiam o nicho e recuando as outras duas externas, remetendo aos processos italianizantes dos retábulos D. João V de meados do século XVIII. Essas colunas se dispõem em volumetria contrária ao estilo da 1ª fase, sendo concebidas de forma inversa, convexas. O corpo e o coroamento são predominantemente formados por colunas e arquivoltas torsas, helicoidais ou salomônicas, porém mais limpas, sem presença de ornatos profusos alternados por pilastras simples. Arrematando o coroamento, uma cartela envolta por motivos fitomorfos entalhados, tendo em suas laterais aduelas ou arcos de folhas estilizadas.

O camarim abriga um trono de perfil volumoso, estilo presente no apogeu do barroco mineiro, em meados a fins do século XVIII.[16] Para Marco Elizio de Paiva, porém, o trono é típico do estilo dos primeiros retábulos barrocos mineiros, possíveis de serem vistos em Cachoeira do Campo e Sabará,MG, guardando grande semelhança com o trono do altar-mor da Capela de Nossa Senhora do Ó, datado de antes de 1725. Afirma ainda que "há neles um 'achinesado', típico do gosto dessa 1ª fase mineira. Ficamos mais convencidos disso a partir da descoberta da pintura original de 'grotescos' em ouro sobre vermelho". O modelo decorativo aqui citado se insere no início do século XVIII, desaparecendo com o advento dos retábulos joaninos. Já os "grotescos" em ouro sobre vermelho, um modelo decorativo muito mais antigo, têm o seu

13. Colaborador na pesquisa, quanto à análise do retábulo, em visita realizada à Capela de São Sebastião em 04/04/2003. Mestre em História da Arte - University of Texas at Austin e, na época, professor de História e Crítica de Arte na EBA/UFMG.
14. BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: Record, 1983. Tradução: Glória Lucia Nunes. p. 259; 265.
16. Estudos anteriores realizados pelo IEPHA e pela Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda para a restauração arquitetônica da Capela de São Sebastião em 1986.

Fotos: Moema N. Queiroz

FIGURA 3 - Conjunto escultórico pertencente ao Altar-mor da Capela de São Sebastião (São Sebastião, Sant'Ana Mestra, Santo Antônio, São Brás, São Gonçalo)

melhor exemplo tardio no forro da capela-mor de Santo Antônio em Tiradentes.

A autoria do retábulo é desconhecida, porém "é possível ter sido obra de um artista português, vivendo em Minas Gerais em meados do século XVIII e que trabalhava segundo seus conhecimentos mais antigos", segundo Marco Elizio de Paiva, que considera o trono possuidor de características voltadas às mais antigas tradições, típicas do final do século XVII até o século XVIII.

O conjunto de imagens de melhor porte da capela é composto por cinco esculturas em madeira, douradas e policromadas - São Sebastião, São Brás, São Gonçalo, Santo Antônio e Sant'Ana Mestra. Não foi possível precisar a origem e autoria das imagens.[17] A imagem de Sant'Ana Mestra possui característica escultóricas de fatura popular, e, por esse fator, é de difícil datação. Essa imagem poderia ter sido confeccionada nos séculos XVIII ou XIX, não pertencendo ao culto da capela e sim, talvez, ao culto doméstico, o que parece evidente devido ao seu tamanho. São Brás conjuga uma série de características que o insere no grupo de imaginárias da 1ª metade do século XVIII.[18]

As cinco imagens, numa análise mais abrangente, não apresentam um padrão único, tendo cada uma características próprias (FIG. 3). Embora se perceba um caráter mais popular e não acadêmico, elas possuem uma particularidade comum às imagens mineiras, marcadas por certa sobriedade, com policromia

17. Segundo informações orais dos responsáveis pela capela, a imagem de Sant'Ana Mestra foi encontrada enterrada sob o piso e resgatada posteriormente em uma das intervenções realizadas no local.
18. RAMOS, Adriano. Aspectos Estilísticos da Estatuária Religiosa no século XVIII em Minas Gerais. In: *Barroco* 17, Belo Horizonte: FAPEMIG/Secretaria do Estado e da Cultura de Minas Gerais, Formato. Anos 1984/85, p. 193-203.

e douramento discretos e econômicos em seus motivos decorativos. As expressões são serenas e a movimentação corporal e dos panejamentos são contidas, apesar de uma certa tentativa de movimento percebido na imagem de Santo Antônio.

Ao se entrar pela grande portada da Capela de São Sebastião, despretensiosa em sua singeleza, despojamento e claridade, um forte envolvimento e sedução visual ocorrem de forma quase imediata. O contraste entre o ambiente sóbrio e o retábulo vibrante e tão rico em seus elementos decorativos atrai imediatamente o olhar do visitante, abstraindo-o do espaço retangular e seco que o envolve como tão apropriadamente analisa Bury.[19] Nesse momento é possível desconectar-se por um segundo, do tempo e espaço atual, transportando-se talvez para um outro tempo, mais tranqüilo e silencioso, de ruas de terra, sons de tropas, cavalos e carros de boi, onde a religiosidade vibrava por todo o ambiente, e a capela exercia sua função de direcionamento, acolhimento e encantamento, sem a menor preocupação ou pretensão quanto ao seu futuro de muros, alarmes, desrespeitos e leis de proteção.

Conclusão

Buscamos apresentar aos pesquisadores e à comunidade em geral um singelo, porém representativo patrimônio no que tange à formação histórica de Minas Gerais, oculto como tantos outros, em simples povoados e distritos. Dentro do todo que gerou a análise desse patrimônio, vivenciamos o Patrimônio Cultural em um contexto real e não somente atrás dos tapumes ou na esfera ateliê, refletindo sobre nossa responsabilidade enquanto profissionais e cidadãos quanto ao fortalecimento e revitalização de nossa cultura. A compreensão da nossa atividade como instrumento de fortalecimento cultural leva-nos à reflexão sobre a responsabilidade de conduzir-nos, e a outros indivíduos, nos caminhos do entendimento e comprometimento quanto à construção desse universo sociocultural. Lidar com o nosso Patrimônio é lidar com o espelho do país refletido na precariedade com que tantas capelas, com cerca de 300 anos, como a de São Sebastião, ou mesmo mais antigas, se mantêm em pequenas culturas que, em sua maioria, são responsáveis solitárias de seu patrimônio. Ao divulgar nossa pesquisa, possibilitamos que esses

19. BURY, John. *Arquitetura e arte no Brasil colonial.* Org. Myriam Ribeiro de Oliveira. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Nobel, 1991.

grupos resgatem com um novo olhar o que possuem de genuíno e inovador. Desejamos, através da divulgação desse patrimônio, estimular novas pesquisas e (re) descobertas que possibilitem a revalorização de pequenas capelas e povoados como o de São Sebastião das Águas Claras/MG.

Este trabalho foi fruto de uma abordagem bem mais abrangente, unindo aspectos científicos a uma postura que visou a integração com o meio pesquisado.

Agradecimentos

Prof. Doutor Luiz Cruz Souza e Prof. Doutora Lúcia Pimentel; Prof. Marco Elizio de Paiva; UFMG, EBA e Cecor; CNPq; C/Arte Projetos Culturais; Conservadora-Restauradora Carolina Mª P. Nardi; comunidades de São Sebastião e Nova Lima.